

SUCESSO E ABANDONO: UM ESTUDO DE CASO NO JUDÔ

Marcio Gabriel Romão

(Faculdade União Araruama de Ensino - Unilagos)

mgromao@gmail.com

Envio original: 03-10-2020. Revisões requeridas: 29-10-2020. Aceitar: 22-02-2021.
Publicado: 21-05-2021.

Resumo

O objetivo desse ensaio é apresentar a história de um jovem atleta da modalidade judô, que dedicou parte da sua vida ao esporte e contou com todo apoio da família. Após sofrer com constantes lesões decidiu abandonar o esporte, regressar para sua cidade natal e dedicar-se aos estudos. A perspectiva educacional quando atleta sempre esteve presente na sua jornada. Os dados foram obtidos através de entrevistas. Conclui-se a importância de políticas que permitam a conciliação entre os processos de formação esportiva e educacional.

Palavras-chave: Esporte – Dupla carreira – Educação – Esportes de luta – Ex Atleta – Escola.

Éxito y abandono: un estudio de caso en judo

Resumen

El propósito de este ensayo es presentar la historia de un joven deportista en la modalidad judo, que dedicó parte de su vida al deporte y contó con todo el apoyo de su familia. Tras sufrir de constantes lesiones decidió abandonar el deporte, regresar a su ciudad natal y dedicarse a sus estudios. La perspectiva educativa como deportista siempre ha estado presente en su recorrido. Los datos se obtuvieron mediante entrevistas. Concluye la importancia de políticas que permitan la conciliación entre los procesos de formación deportivo y educativo.

Palabras clave: Deporte – Carrera dual – Educación – Deportes de lucha – Ex deportista - Escuela.

Success and abandonment: a case study in judo

Abstract

The purpose of this essay is to present the story of a young athlete in the judo modality, who dedicated part of his life to sport and had all the support of his family. After suffering with constant injuries he decided to abandon the sport, return to his hometown and

dedicate himself to his studies. The education perspective as an athlete has Always been present in his journey. The data were obtained through interviews. It concludes the importance of policies that allow the reconciliation between the sports and educational formation processes.

Keywords: Sport – Dual career – Education – Fight sports – Former athlete - School.

Introdução

A formação para a profissionalização no campo esportivo vem sendo alvo de diversas investigações que tratam da demanda dessa carreira em conciliação com as obrigações escolares. O Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vem se dedicando a compreender como a formação esportiva e escolar são encaradas na vida do jovem atleta.

O primeiro trabalho realizado dentro do grupo com o sentido de elucidar questões sobre a temática escolarização de atletas, foi o trabalho de Melo (2010) que realizou um profundo estudo do campo futebolístico do Estado do Rio de Janeiro, tento aplicado o quantitativo de 417 questionários. O trabalho identificou que os atletas de futebol pesquisados têm a escolarização maior do que os jovens não atletas, de mesma faixa etária, assim, quebrando com a ideia de que jovens esportistas prejudicam seu processo de escolarização pela prática esportiva. Outro achado, foi a identificação da mudança de turno utilizada por alguns atletas para continuar no campo esportivo, os atletas migravam para o turno diferente do que o clube ofertava o período de treinamento, a partir do da categoria sub-17 ocorre a migração para o turno noturno.

Estudos com outras modalidades esportivas foram iniciadas. Romão, Costa e Soares (2011) pesquisaram os jovens atletas de voleibol no Estado do Rio de Janeiro e Costa (2012) investigou o futsal feminino de Santa Catarina. Em ambas as pesquisas mantivemos a hipótese de que a rotina de formação no esporte poderia influenciar negativamente no processo de investimento na escola básica. E nos dois casos acabamos nos enganando. As pesquisas no voleibol e no futsal feminino mostraram uma semelhança ao futebol somente quanto ao cansaço físico exigido para o cumprimento da obrigatoriedade das rotinas da dupla carreira. Porém, foi nítido que o processo de investimento no esporte não era tão intenso como no futebol.

Além disso, nos casos das atletas do futsal feminino de Santa Catarina, apareceu outro tipo de intenção quanto ao investimento no esporte: algumas delas apontaram para o fato de que elas poderiam alcançar níveis mais altos de escolarização através de bolsas de

estudos nas universidades particulares que tinham equipes esportivas (COSTA, 2012). Essa intenção de usar o esporte como ferramenta para atingir níveis de ensino mais altos foi uma novidade trazida por essas pesquisas, mas que também colocava a hipótese de que a rotina de profissionalização no esporte atrapalhava a dedicação aos bancos escolares.

Rocha (2013) e Correia (2014) partiram para uma outra linha de investigação que buscou entender como os jovens atletas formaram seu projeto de carreira. A ideia de projeto de carreira está associada aos estudos da antropologia e já adiantamos que não estamos aqui para fazer uma exegese de tais estudos. Vamos apenas assumir que o conceito de projeto individual de carreira se caracteriza pela projeção de uma meta de formação profissional feita pelo indivíduo dentro de um tempo e espaço específicos (VELHO, 1997, 2003, 2010). Os autores indicaram que projeto de carreira voltado para a profissionalização no esporte poderia depender de um conjunto de variáveis que ajudavam os jovens atletas a entenderem tal profissão como uma oportunidade exequível dentro do seu campo de possibilidades.

Ao investigarmos um Programa do Governo Federal denominado Bolsa Atleta (LEI 10.891/2004). (COSTA E SILVA, 2016; ROMÃO, 2017) que tem a intenção de ceder aos jovens atletas algum tipo de ganho pecuniário para a sua permanência na formação esportiva, poderíamos sugerir que os atletas em idade escolar seriam exigidos a frequentar e se teria algum mecanismo de acompanhamento da sua permanência na escola. Costa e Silva (2016), quando tratou de jovens atletas beneficiados pelo Programa Bolsa Atleta do Governo Federal brasileiro, em sua dissertação, diagnosticou que assim como no trabalho de Costa (2012), há um movimento de atletas que compreendem a possibilidade de atingir níveis maiores de ensino a partir da permanência no esporte, a partir da parceria com instituições de ensino superior, sendo assim, bolsista dessas instituições.

Apesar dos avanços e investimentos na tentativa de propiciar a profissionalização de atletas, ainda há muito o que se avançar sobre o tema. Contudo, alguns esforços são realizados por entidades governamentais com o intuito de proporcionar meios para que atletas consigam dar continuidade no esporte. O programa do governo federal que contempla o maior número de atletas é o Programa Bolsa Atleta. Este programa oferece bolsa de apoio para cinco categorias. Nos interessa como foco de estudo a categoria estudantil, pois, ainda possuem vínculo com instituição de ensino fundamental, médio ou superior.

O objetivo do presente texto é apresentar as razões e causas narradas para o sucesso e o abandono da carreira esportiva por um atleta que era percebido como um potencial talento esportivo. Busca-se entender quais os fatores que influenciaram o início de um projeto e o rumo para um novo projeto de vida e as decisões em relação aos processos de escolarização e profissionalização. Na próxima seção, trabalharemos o conceito de projeto individual, campo de possibilidades, redes de socialização e escolhas para trazermos os elementos que observaremos no relato dos atletas. Vamos entender que esses conceitos se interpenetram e formam uma rede sólida para entendermos como os projetos de vida são forjados em uma sociedade complexa.

Projeto individual, rede social e escolha racional: conceitos e operações

A presente seção nos mostrará os caminhos para a formação de um projeto individual de carreira. Como já dissemos, a formação de um projeto de carreira está intimamente associada ao local e ao tempo específico em que o indivíduo se insere. É no seu contexto social que as relações são construídas e as oportunidades são formadas a partir da interação entre o indivíduo e a sociedade. Para melhor compreendermos a formação de um projeto individual de carreira, temos que trazer uma problematização sobre que tipo de sociedade estamos tratando. Velho (1997, 2003, 2010) tratava a sociedade moderna como um intrincado e complexo meio de interação entre indivíduos que podia produzir sentimentos diversos nesse meio de convívio.

As relações que os indivíduos estabelecem ao longo de sua vida podem também contribuir para que entendamos como algumas das oportunidades sejam percebidas por eles como exequíveis. E é nessas relações que vamos nos debruçar nesse momento para entendermos a configuração de um campo de possibilidades e, em consequência, como o indivíduo pode tramar metas de carreiras e estratégias para alcançá-las ao longo de suas vidas. Bott (1976) estabeleceu conceitos importantes para entendermos como os indivíduos estabelecem relações nas suas redes sociais. O conceito que vamos usar para entendermos as oportunidades de carreira percebidas pelo indivíduo é o de rede social e como essa rede pode contribuir para que o indivíduo forme sua concepção sobre a exequibilidade de uma oportunidade.

Vamos entender que as redes sociais podem aumentar ou diminuir o conjunto de oportunidades que os indivíduos podem encarar como possíveis ao longo da vida. Bott

(1976) descreveu dois tipos de redes sociais: uma rede de malha frouxa e uma rede de malha estreita. A analogia que a autora fez foi em relação aos nós de uma rede (objeto) para esmiuçar esse conceito. Uma rede de malha frouxa é aquela em que os indivíduos estabelecem laços fora do seu núcleo contextual do bairro, cidade, etc. Esse tipo de rede permitiria ao indivíduo perceber caminhos diferentes daqueles percorridos por suas redes de socialização primária. Por outro lado, a rede de malha estreita restringe o indivíduo a estímulos circunscritos a um contexto com pouca variação de estímulos e mais preso às suas redes de socialização primária.

Um exemplo desse fenômeno podemos perceber em Velho (2003), quando o autor descreveu o processo de adaptação de imigrantes portugueses na sociedade americana. Velho (2003) demonstrou que os primeiros imigrantes estabeleceram uma rede de relações que pouco interagia com a comunidade legal, ficava limitada ao seu próprio grupo de imigrantes. A esse tipo de troca de experiências podemos chamar de rede de malha estreita. Nesse exemplo, Velho (2003) destacou que os primeiros imigrantes portugueses na sociedade americana tiveram muitas dificuldades para estabelecer metas que extrapolassem aquilo que já vinham vivendo dentro do seu núcleo social. Todavia, observou-se também uma forte criação de mecanismos de solidariedade entre eles que permitiam que uns cuidassem dos outros. Ao mesmo tempo, esse tipo de interação social também gerou resultados perversos: não foi incomum o número de relatos de homens incapacitados pela rotina de trabalho pesado e o número de mulheres com problemas psicológicos causados pela rotina tediosa.

A rede de malha estreita cria mecanismos de solidariedade para a própria sobrevivência do grupo. Porém, faz com que esse grupo fique limitado às experiências que já lhes são adjacentes. No mesmo exemplo, Velho (2003) indicou que as gerações mais novas desses imigrantes também tiveram dificuldades de adaptação, uma vez que tentavam assumir traços da identidade local e nem sempre eram aceitos nos novos grupos. Todavia, ao mesmo tempo que criavam cenas de rejeição da identidade da rede primária de socialização, eles estabeleceram relações que ampliaram suas oportunidades para formas de trabalho que não eram exercidas pelos primeiros imigrantes portugueses. A rede de malha frouxa ampliou o campo de possibilidades das gerações seguintes a dos primeiros imigrantes portugueses, ao mesmo passo em que os mecanismos de solidariedade percebidos no primeiro caso fossem perdendo espaço entre esses outros indivíduos.

Vamos entender que a criação e a atuação dentro das redes sociais podem permitir que os indivíduos criem relações fortes para permitir uma mudança no seu campo de possibilidades. Dessa forma, aceita-se o desafio da metrópole e coloca-se em curso projetos de carreira que sejam percebidos como exequíveis. As oportunidades de carreira são percebidas como possíveis de serem alcançadas e os indivíduos tomam decisões que, na sua concepção, fazem com que eles acreditem que essas sejam as melhores escolhas para consolidar tal projeto.

Mas quando tratamos de escolhas em um campo de possibilidades, podemos entender também que nem sempre o que se entende como escolha ótima para um indivíduo leva em consideração todos os dados objetivos para que ela seja tomada. Elster (1994, 2009) trabalhou o conceito de escolha racional como sendo algo inerente ao tipo individual. E essas escolhas são tomadas a partir da percepção que esses indivíduos têm sobre a realidade. Talvez seja possível dizer que essas escolhas são influenciadas pela paixão, desejo e crenças individuais sobre o conjunto de oportunidades ou campo de possibilidades que esses indivíduos têm em mente.

Os projetos individuais de carreira podem sofrer mudanças conforme o indivíduo passa a interagir com novas redes de sociabilidade e vai aceitando, assumindo signos de novos grupos na sociedade complexa moderno contemporânea. Dessa forma, vamos tratar os dados sobre a tentativa de profissionalização no esporte, a frustração e o rumo em uma nova carreira de um jovem atleta beneficiado pelo Programa Bolsa Atleta do Governo Federal.

Metodologia

O presente trabalho teve início no ano de 2012. Quando foi iniciada a pesquisa denominada Educação e esporte: a profissionalização de jovens atletas beneficiados do Programa Bolsa Atleta¹. Tal estudo obteve em sua primeira etapa 166 questionários respondidos, em um universo total de 241 beneficiados em todo o território nacional. A segunda etapa foi desenvolvida a partir da seleção de 16 atletas para entrevistas presenciais, que haviam participado da etapa anterior. A seleção ocorreu a partir da disponibilidade e da aceitação em participar da entrevista. Para as entrevistas foi utilizado formulário de entrevista semiestruturada que pontuavam os seguintes eixos temáticos: I) Dados gerais; II)

¹ O Projeto teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ.

Relação com o esporte; III) Apoio no esporte: familiar, técnicos, professores ou conhecidos; VI) Família; V) Esporte e escola, tais eixos buscam obter maiores informações sobre os processos de escolarização e profissionalização de jovens atletas, além de ampliar o conhecimento sobre agências importantes que estão envolvidas no processo de socialização esportiva ou não, como a família, a escola e o clube. Assim, como a participação de membros que ocupam papel importante na estruturação das rotinas de formação. Dessa forma, foi possível contatar o atleta que é o objeto do presente estudo. Foi utilizado nesse trabalho a primeira entrevista realizada em 07 de junho de 2013.

Entrei em contato com Kaled² para saber da possibilidade da realização de uma segunda entrevista com o intuito de aprofundar questões sobre o projeto de profissionalização esportiva. Já que em sua primeira entrevista, o atleta havia narrado o desejo de disputar grandes competições e se tornar atleta profissional, como ele mesmo disse na primeira entrevista “viver do esporte”. Pelo fato da família demonstrar apoio e incentivá-lo, ouvir a família também seria interessante. Para minha surpresa o atleta havia abandonado o esporte. Então, decidi mudar o foco desse trabalho e tentar entender os motivos que levaram o atleta a abandonar a formação esportiva.

A segunda entrevista foi realizada por contato telefônico em 05 de outubro de 2016, pois o atleta já havia retornado a sua cidade Natal, em Maceió. Dessa forma, a entrevista foi norteada por questões relacionadas ao passado do jovem enquanto exercia a função de atleta em um grande clube esportivo e buscou-se obter maiores detalhes em relação a sua saída do campo esportivo e sua nova rotina.

O atleta

Nascido em Maceió, no Estado de Alagoas. Kaled iniciou sua atividade no judô com 8 anos de idade. Passou por clubes do Estado, e começou a se destacar na modalidade chamando atenção de clubes de outros estados como São Paulo e Minas Gerais. Na primeira vez que o entrevistamos, Kaled estava lesionado, porém, em fase final de recuperação.

A família do atleta é formada pelo pai e mãe. O pai havia sido atleta de judô, e por isso, incentivou o filho na prática marcial. Além de ter sido atleta de polo aquático. O pai concluiu o ensino médio. A mãe, possui nível superior completo e diferente do pai, não

² Nome fictício.

possui nenhuma experiência na prática esportiva. Kaled sempre teve na família todo o apoio que precisa como relatou em sua primeira entrevista em 07 de junho de 2013.

“Minha família sempre me apoiou em tudo que eu almejei, assim, tudo que eu quis por acreditar que fazia bem, ou seja, tudo que fazia bem para mim eles acreditavam. Me davam muito apoio. Meu pai então nem se conta. O meu pai fez de tudo para mim e ainda faz. Meu pai é tipo um ídolo que eu tenho. Então quando eu falei para ele que era o que eu queria, ele sempre olhou para mim, assim, para as coisas que eu falava para ele com muita seriedade e eu acho que quando ele me olhava assim, nos olhos, ele via que realmente eu estava falando sério. Então ele falou, se é isso que você quer para você meu filho, então vamos correr atrás. E ele sempre bancou esse meu sonho, assim, precisava de dinheiro, não tinha como pagar, ele dava um jeito, vendia alguma coisa, vendia até carro para me ajudar, fazia de tudo, fazia cota na família, meu avô, todo mundo ajudava. Então foi sempre bem, assim, tive muito esse apoio mesmo da minha família”.

Na mesma entrevista o atleta comentou que sua mãe apesar de apoiá-lo sempre foi a mais temerosa, tanto pelas seguidas viagens, como pelo filho ir residir em outro Estado devido a sua participação no esporte. Na segunda entrevista realizada em 05 de outubro de 2016, quando já havia retornado para Alagoas. Kaled informou que um dos motivos da desistência foi a preocupação da mãe, em relação as suas lesões sequenciais. Com o abandono no esporte, Kaled iniciou os estudos em um Centro Universitário em Maceió, no curso de Educação Física.

O sucesso no esporte e os desafios educacionais

A partir do momento que um jovem se destaca em uma modalidade esportiva, inevitavelmente elogios surgem e planos são idealizados por aqueles que estão ao redor. O campo esportivo é assim, ao longo do processo de formação, os desafios surgem e nem sempre a continuidade ocorre. Muitos jovens atletas abandonam antes mesmo dos primeiros resultados aparecerem devido as dificuldades.

As dificuldades são enormes para os atletas de base. Nesse cenário, é possível observar a falta de infraestrutura, a dificuldade de conciliação entre a prática esportiva e a escola, a falta de investimento financeiro entre outras. A questão financeira é provavelmente a maior dificuldade para manter o jovem atleta no campo esportivo.

Mas, na verdade a maioria das modalidades esportivas não permite desde cedo alcançar um valor financeiro que possibilite se manter no esporte sem auxílio de familiares ou terceiros. A família tem papel fundamental no processo de formação do jovem atleta,

por ser ela responsável por custear na maioria das vezes materiais, viagens, transporte e alimentação requisitos essenciais para manutenção de um jovem esportista. O atleta Kaled comenta sobre a participação da sua família na construção de sua carreira. Não apenas a família mononuclear (pai e mãe), mas, como há um movimento de todos os parentes no processo de profissionalização do jovem. Ele acredita que o fato desse movimento ocorrer se deve ao fato dele ser o primeiro atleta da família.

“Minhas avós, minhas tias, meu avô também, meus padinhos, todo mundo sempre acreditou muito em mim. Assim, acho que por ser o primeiro atleta de verdade da família. [...] Então eles sempre apoiaram muito o meu trabalho, como eu falei, todo mundo da família ajudava às vezes não só financeiramente, mas muito psicologicamente e emocionalmente também”.

Sobre o apoio das famílias aos jovens atletas, Kay (2000) em seu estudo encontrou movimento parecido das famílias inglesas, no mesmo sentido que ocorre na família do Kaled. As famílias brasileiras apoiam a participação dos atletas no esporte, estando ao lado dos jovens atletas nos momentos em que esses precisam de auxílio, em especial, nos deslocamentos do aluno atleta para a escola e para os períodos de treinamento. São os familiares que dão suporte para que essas ações ocorram.

Com o apoio da família o atleta ainda morando em Maceió, foi participar do campeonato chamado Copa Minas de Judô, segundo o atleta “é um campeonato muito forte”, participou e venceu o campeonato. Isso foi o chamariz para que o atleta fosse convidado pelo Minas Tênis Clube, porém, por ser um convite que não abrangia fatores que possibilitaria o atleta se manter na capital mineira, a família se posicionou contra a ida do atleta.

Nesse sentido, a família do atleta auxiliou em todos os sentidos, com esse suporte e pela sua capacidade, o atleta alcançou bons resultados, podendo pleitear uma bolsa de apoio ao atleta oferecida pelo governo federal, via Programa Bolsa Atleta. Para Costa e Silva (2016) “esse programa pode ser encarado como um programa de manutenção/transferência de renda para atletas que ainda não possuem nenhum ganho pecuniário dos clubes ou outras formas de financiamento” (p. 177).

Após conquistar competições importantes, inclusive campeonatos na Europa, fazendo com que os olheiros³ novamente observassem seu talento no tatame e fizessem

³ Pessoas que tem vínculo com os clubes, que circulam por competições com o intuito de localizar novos talentos esportivos. Os clubes que realizaram propostas segundo o atleta foram o SESI- SP e Praia Clube de Uberlândia.

mais uma vez o convite para compor sua equipe. Kaled havia sido anos antes convidado pelo próprio Minas Tênis Clube para deixar Alagoas, contudo, o clube na ocasião não oferecia alojamento e escola, assim, o atleta teria que custear todas as despesas envolvidas na mudança. Sua família não permitiu que saísse do pequeno clube de sua cidade para outro Estado. As propostas para uma transferência do atleta foram intensificadas, até que o atleta se mudou para Bauru, cidade no interior de São Paulo, onde permaneceu pelo período de um ano. Após esse período, se transferiu para o Minas Tênis Clube, famoso clube do Estado de Minas Gerais. O clube oferecia moradia no alojamento, alimentação e escola particular. Com essas condições oferecidas pelo clube, o atleta migrou para Minas Gerais com o aval da família.

No novo clube houve mudanças na rotina e na estrutura de treinamento, segundo o atleta a rotina ficou mais pesada, tanto esportiva quanto educacional. Sobre a perspectiva do treinamento, levando em consideração que a posição que o atleta se encontrava, isso se tornou positivo, pois, o clube que o atleta defende é reconhecidamente um dos poucos espaços que o esporte, sem ser o futebol, é consideravelmente forte e recebe apoio. Da Conceição e Bassani (2016) apontam que nesses espaços “o conhecimento adquire um caráter institucionalizado, isto é, legitimado e passa a ser reconhecido como local de excelência para a prática e formação” (p. 31).

“Meu treino geralmente é de duas horas até três e meia. Depois eu tenho parte física que é muito importante, né? Treino funcional geralmente de uma hora, dura uma hora e a noite tem dia que a gente tem treino técnico também, assim, treina mais a parte técnica mesmo, questão tática, porque é muito importante você saber aliar tudo, né? Tática, força, técnica. Final de semana a gente treina também as vezes”.

O fato de estar vinculado a um clube de significativa dimensão e tradição faz com que o atleta seja reconhecidamente diferente de muitos outros e amplie suas possibilidades de evolução das valências técnicas e táticas podendo contar com infraestrutura e bons técnicos.

Rocha et al. (2011) constata que os atletas despendem semelhante tempo para a formação escolar e a formação esportiva. Isto é, a carga horária escolar e a carga horária de treinamentos ou competições, a primeira voltada para formação geral ou inserção do jovem na profissionalização para o mercado de trabalho formal e a segunda direcionada para a profissionalização no mercado de trabalho esportivo, se equiparam. Tal equiparação torna mais um desafio para o atleta. O período escolar é fundamental e legitimado por leis nos mais variados âmbitos, a carga horária de 800 horas que o estudante deve cumprir

anualmente (LEI 9394/1996), recebe o confronto direto no caso de esportistas, dessa forma, essa é mais uma dificuldade provocada pela escolha da conciliação de atividades.

Da Conceição e Bassani (2016) identificam que “com o objetivo de dar continuidade na escolarização dos atletas, os clubes tendem a realizar parcerias com escolas regulares para que a matrícula de seus jovens seja garantida” (p.25). Os atletas alojados, geralmente são de outros Estados ou de lugares muito afastados do centro, local da cidade que normalmente ficam nos clubes. Pelo fator da distância a permanência longe da família é constante, assim, os atletas acabam ficando sob os cuidados e responsabilidade dos clubes. A legislação que rege a formação de atletas, faz com que os clubes assumam a tutoria/responsabilidade dos jovens alojados e devem, assim, proporcionar a continuidade do processo de escolarização e os demais cuidados necessários.

Com o atleta Kaled ocorreu esse movimento. Então, o atleta passou a ficar sob os cuidados do clube e começou a morar no alojamento do clube e isso fez com que sua rotina sofresse mudanças, uma delas a mudança de escola.

O atleta estudava em uma escola particular que realizou uma parceria com o Clube Minas. Assim, segundo o próprio atleta o acordo se estrutura da seguinte forma, os atletas do clube oriundos de outros estados eram matriculados na escola e lá realizavam os estudos. Em contrapartida, os alunos da escola que não eram atletas, tinham desconto nas mensalidades para realizar atividades esportivas no clube, professores e filhos de professores independente se estudassem na escola também tinham desconto na mensalidade, assim como, outros membros dos recursos humanos da escola.

Identifico que tal movimento é uma estratégia do clube para manter os atletas albergados em situação de segurança. Entrevistei o atleta na porta do clube, ele estava acompanhado de um amigo e companheiro de treinamento que também era oriundo de outro Estado e residia no alojamento, eram companheiros de quarto. Do local que estávamos, era possível visualizar o prédio onde funciona o alojamento dos atletas e no outro quarteirão estava localizada a escola que os atletas estudam.

Assim, com essa logística o clube não apenas garantia em tese a segurança dos atletas, em relação a possíveis deslocamentos para áreas distantes, mas também, essa proximidade garantia um controle maior sobre os atletas, já que a proximidade entre clube-escola-alojamento girava em torno de cem metros de distância, dessa forma, não haveria desculpas para atrasos aos treinamentos e qualquer “escapada” seria mais fácil de ser impedida.

A proximidade da escola também permitia um controle do clube em relação a rotina escolar do atleta. Segundo Kaled era comum uma assistente social ou uma pedagoga do clube irem até a escola para ser informar como os alunos que ali estavam na condição de aluno/atleta do clube se encontravam em relação a comportamento, se estavam indo as aulas. Como escrevi o alojamento é próximo da escola, sempre havia um funcionário do clube na entrada do alojamento e do clube, com a intenção de vigiar os atletas.

O espaço escolar representa para os atletas uma continuidade de suas responsabilidades dentro da formação esportiva, isto é, não é parte integrante do processo formativo no esporte, mas se torna um dos requisitos para continuarem o processo de profissionalização, ainda mais, para o atleta albergado. Um dos acordos estabelecidos por contrato entre o clube e família é que o atleta alcance bons resultados nas disciplinas.

Kaled apresenta em sua fala, um ponto que para ele diferencia o aluno atleta do aluno não atleta. A questão da disponibilidade, em virtude das atividades que envolvem a prática esportiva, treinamentos, no caso do atleta longas viagens. Como a que o atleta realizou para a Europa, passando um mês fora. Kaled visualiza que este é um problema encarado pelo atleta.

“Você pegar um cara que tem disponibilidade para fazer tudo que a escola passa é uma coisa pô, isso é fácil, beleza, mas porque você não pega um cara que quer ser alguma coisa na vida realmente, que é o que o atleta quer e tenta ajudar ele, você está formando um cidadão do mesmo jeito ou talvez até um cidadão melhor do que aquele que tá só estudando e tá pilhadão”.

A questão apresentada pelo atleta faz com que possa ser discutido como ocorre a conciliação entre a formação esportiva e escolar no Brasil e em outros países (SOARES; CORREIA; MELO, 2016). No Brasil não há nenhuma forma de diálogo entre escola e clube, e isso faz com que não haja nenhum acordo legal entre as partes (CORREIA, 2014). O que ocorre na maioria das vezes são acordos verbais ou acordos como o realizado entre o clube e a escola do atleta. Mas, não é identificado um currículo flexibilizado em relação a vivência e interesse do atleta, que tem que cumprir da mesma forma todos os processos e avaliações que o aluno não atleta. (ROCHA, 2013). De qualquer forma a formação escolar sempre é desprestigiada para o atleta já que esse não vê nos bancos escolares o aprendizado que ele utilizará na prática, por isso, uma harmonização do currículo poderia ser uma saída para o problema identificado.

Nos Estados Unidos a formação esportiva, tem início nas escolas e tem continuidade nos centros universitários. As escolas do ensino médio são responsáveis em

potencializar a iniciação esportiva e os centros universitários são responsáveis em dar seguimento ao processo de aperfeiçoamento a partir do interesse do aluno (COSTA E SILVA, 2016). O histórico esportivo do aluno é utilizado para que o atleta possa concorrer ao acesso a boas universidades. Há associações que acompanham o esporte nos diferentes níveis de ensino⁴.

Toda essa diferença em relação ao Brasil faz com que o atleta independente do seu potencial tenha que se dividir entre as duas rotinas. Inevitavelmente, isso gera desgastes para a conciliação. Damo (2005) aponta que “a formação à brasileira, quando comparada a modelos de formação esportiva de outros países, possui a liberdade para formar sem priorizar a conciliação com a agenda escolar” (p. 219). Essa liberdade nem sempre é um fator positivo para o atleta.

O abandono e a reconstrução do projeto

Na segunda entrevista busquei descobrir os motivos do abandono do atleta do seu projeto individual e acabei descobrindo que o projeto individual de construção esportiva, foi substituído por outro, só que dessa vez seria um projeto que teria a família como uma referência próxima, para auxiliar no que fosse necessário. Esse novo projeto se tornaria mais palpável pelo fato de o investimento ser referente ao investimento atrelado ao capital associado aos bancos escolares. Kaled informou que o desânimo com o esporte teve início quando as lesões começaram a ser frequentes, a mesma lesão no tornozelo sempre gerava incomodo e quando uma nova lesão no ombro surgiu, ele informou que foi o momento que pensou pela primeira vez em parar. Os riscos de contusões limitadoras a que esses jovens atletas estão expostos durante sua formação esportiva (HICKEY; KELLY, 2008), a possibilidade de lesão no judô é alta, pelo fato da repetição de movimentos de alavancas. A lesão sempre foi um fator que pode gerar desistência precocemente.

Barsottini, Guimarães, Morais (2006) apontam que o judô é a modalidade que mais apresenta índices de lesão em seus praticantes quando praticado na perspectiva do alto rendimento (p, 56). O dano apontado pelo atleta como sendo o causador pelo seu desanimo e respectivamente pela desistência do campo esportivo, é identificada no trabalho dos autores como a segunda lesão com maior incidência no universo de praticantes do

⁴ No nível de escola básica, o esporte é acompanhado pela National Federation of State High School Associations (NFHS), e o esporte universitário é acompanhado pela National Collegiate Athletic Association (NCAA).

judô. Já o constante desconforto que o atleta narra no tornozelo aparece como sendo a terceira lesão que foi constata na pesquisa.

A distância da família também foi um fator comentado pelo atleta. No momento da primeira entrevista o atleta tinha 18 anos e já havia passado por experiência de ficar distante da família. Foi assim desde que foi morar em Bauru – SP para ter melhores condições de treinamento e estar próximo do que denominou como o centro do judô⁵, que é a região sudeste. Marques e Samulski (2009) pesquisaram jovens jogadores de futebol que assim encontraram o mesmo movimento que aconteceu com Kaled, por se destacarem os jogadores de futebol nessa fase deixam de morar com os pais, em geral, a partir dos 13 anos de idade, e a maioria destes jovens não tem contato diário com seus familiares. Dessa forma a moratória social deixa de ser um ponto que contribui para o controle e incentivo por parte da família em relação aos filhos.

Quando um atleta atinge um determinado padrão de técnica e, é integrado a categoria de base de um clube com estrutura distante de sua moradia. Isso pode acarretar um distanciamento de todos àqueles que participavam da sua rotina. A família, os vizinhos e os amigos fazem parte desse grupo que ficará distante. A separação é resultado de um projeto que está dando certo. É o resultado de um projeto que visa a profissionalização, ou seja, viver do e para o esporte que prática (DA CONCEIÇÃO E BASSANI, 2016).

Dessa forma, o atleta desde cedo teve que cuidar-se sozinho e de maneira natural, identificou atletas que partilham o mesmo desejo e sonho do que ele, essa identificação proporciona novos sentimentos de fato por pessoas que até àquele momento eram desconhecidas. Da Conceição e Bassani (2016) uma característica em atletas que vivem no alojamento se diferentemente dos demais atletas, “os atletas alojados se inserem no sistema de albergamento e as relações são construídas com os profissionais dos clubes e com outros atletas, que passam a compor uma “nova família” (p.24). Além de se tornarem mais independentes pela situação de viverem longe daqueles que iriam prestar ajuda no que fosse preciso.

“Cara, a saudade era grande. Tinha momentos que nem ligação adiantava. Dava vontade de abandonar tudo, o clube permitia você ir visitar, mas, tipo, se eu fosse saber que não ia voltar. Tinha saudade das festas, de conversar com meu pai pessoalmente, sabe? Olhar nos olhos do meu pai, da minha mãe. Conversar com meus amigos de infância, tocar meu violão com eles, deitar na minha cama”.

⁵ O atleta considera como grande centro, a região sudeste, segundo ele, é nessa região do país que estão os maiores investimentos no esporte nacional, assim, a prática do judô nos estados que compõem essa região teriam maior aporte técnico e financeiro.

E o atleta hoje também relembra com saudade dos momentos e amigos que fez, das experiências, das viagens que marcaram um período da juventude.

“[...] eu sinto saudade das pessoas que conheci, fiz muitos amigos, irmãos mesmo. Partilhamos momentos bons e ruins, não só relacionado ao esporte, mas em tudo. Lembro das competições, lembro de quando um colega de equipe perdeu o pai. Me coloquei no lugar dele. Você cresce, você aprende, você erra, aprende a viver e ser bom”.

Foi nesse cenário que se desenhou a saída do atleta do esporte. Um misto de saudade da família e dúvidas em relação as constantes lesões. As situações foram se somando, o atleta vivencia essa situação de ficar longe da família e ter uma rotina dedicada ao esporte, se privando de muitas situações desde os 15 anos. Kaled reconheceu com 20 anos que seu seguimento no campo esportivo seria dificultado em razão das lesões.

“Cara, foi um momento difícil, você pensa em tudo que você passou. Mas, quando a lesão do ombro surgiu, eu fiquei realmente preocupado, é uma parte do corpo que o judoca utiliza o tempo todo. Então, o médico disse que teria que operar, como já estava cansado, decidi parar. Foi bem difícil, quando saí da sala, do consultório, já saí pensando no que fazer. Decidi voltar para casa dos meus pais e falar com eles. Eles como sempre me deram apoio. Fiquei chateado, eles investiram em mim, mas, não deu certo”.

A partir daquele momento Kaled não seria mais atleta e o que fazer agora? Kaled decidiu fazer ensino superior, fez o vestibular e passou no curso de educação física, está cursando o sexto período destinado a formar licenciados. Pelo fato de abandonar o esporte ainda jovem, o atleta teve a oportunidade de aproveitar o conhecimento adquirido nas instituições particulares que estudou, graças ao esporte, conseguiu reinvestir na conquista de uma vaga no ensino superior.

Dessa forma, pode ser identificado que ocorreu uma mudança de projeto individual na vida do ex-atleta. Kaled buscava profissionalização no esporte, mas pelas circunstâncias esse desejo não vingou. Agora busca por meio do acesso ao ensino superior dar segmento aos seus planos. Houve uma mudança no plano, Kaled apenas antecipou um projeto que já havia partilhado na primeira entrevista, concluir o ensino superior. Sobre as mudanças e escolhas, Gilberto Velho (2012) diz que “o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente” (p. 29).

Considerações finais

O texto acima se trata de um atleta que era reconhecidamente talentoso. Seus resultados desde o início da trajetória esportiva chamaram a atenção de associações desportivas. Por isso, os convites para que ele representasse esses clubes cada vez se tornaram mais constantes. Fazendo com que cada proposta recebida, fosse estudada pela família do atleta. A partir da conquista do primeiro lugar em um torneio de um grande clube de Minas Gerais, o mesmo fez uma proposta, e então, a família permitiu a saída de Alagoas para o clube mineiro. O estudo e a problematização das propostas deve ser algo constante no meio esportivo, já que clubes estão à procura de novos talentos cotidianamente. A família por ser responsável pelo jovem é quem decide sobre as melhores chances de sucesso. A família do atleta sempre recebeu propostas e aceitou apenas duas, coincidentemente, as duas propostas aceitas eram de clubes fora do estado.

A família a partir do momento que se distância do atleta pela sua mudança de estado perde o controle sob a situação de ter um jovem candidato a profissionalização esportiva em seu lar, perde um filho que sai de casa bem antes do que o normal. Assim, a família não tem como se responsabilizar pelos investimentos que até então foram realizados sobre o atleta, além de não ter mais como orientar e incentivar de perto. Ao aceitar o convite o atleta abandona o lar e passa a ser uma parte ou propriedade do clube.

O clube assume a responsabilidade de conduzir o atleta na construção da dupla carreira. O clube prepara o atleta para sua jornada esportiva, além de fazer com que o atleta cumpra os compromissos escolares, através de um acordo legal junto a uma instituição privada de ensino, que fica a poucos metros do local de treinamento e alojamento dos atletas albergados. Cabe ao clube criar mecanismos para que isso ocorra, fazendo com que o atleta não saia prejudicado.

O fato de existir todo um aparato sobre o atleta faz com que seja percebido o seu valor e reconhecimento. Apesar de todo investimento da família e clube a carreira esportiva pode não acontecer por diversos motivos, no caso apresentado um jovem abando seu sonho devido as lesões. É interessante refletir se as lesões não ocorressem o projeto relacionado a profissionalização esportiva provavelmente permaneceria e um novo projeto não seria construído.

Referências

- BARSOTTINI, D; GUIMARÃES, A. E.; MORAIS, P. R. (2006). Relação entre técnicas e lesões em praticantes de judô. **Rev. Bras. Med. Esporte**, v. 12, n. 1, p. 56-60.
- BECKER, H. S. (2008) **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Trad. Maria Luiza X. de Borges. Rio de Janeiro: Zahar.
- BOTT, E. (1976) **Família e rede social**. Rio de Janeiro: F. Alves.
- CORREIA, C. A. J. (2014) “**Entre a Profissionalização e a Escolarização: Projetos e Campo de Possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama**”. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro, UFRJ.
- COSTA E SILVA, A. L. da. (2016) **Esporte e Escolarização: projetos, biografias e programa governamental**. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Vitória, UFES.
- COSTA, F. R. da. (2012). **A escola, o esporte e a concorrência entre estes mercados para jovens mulheres no futsal de Santa Catarina**. Tese de Doutorado em Educação Física. Rio de Janeiro, UGF.
- DAMO, A. (2005) **Do dom a profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese de Doutorado em Antropologia Social. Porto Alegre, UFRGS.
- ELSTER, J. (1994) **Pecas e engrenagens das ciências sociais**. Trad. Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: RelumeDumará.
- ELSTER, J. (2009). **Ulisses Liberto: estudos sobre racionalidade, pré-compromisso e restrições**. Trad. Cláudia Sant'Ana Martins. São Paulo: Editora UNESP.
- HICKEY, C.; KELLY, P. (2008). Preparing to not be a footballer: higher education and professional sport. **Sport, Education and Society**, v. 13, n. 4, p. 477-494.
- KAY, T. (2000). Sporting excellence: a family affair? **European Physical Education Review**, v. 6, n. 2, p. 151 -169.
- Marques, M.P.; Samulski, D.M. (2009). Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo. v. 23. n. 2. p.103-19.
- MELO, L. B. S. (2010). **Formação e escolarização de jogadores de futebol do Estado do Rio de Janeiro**. 2010. Dissertação de Mestrado em Educação Física. Rio de Janeiro, UGF.
- ROCHA, H. P. A. (2013). **A escola dos jóqueis: a escolha da carreira do aluno atleta**. Dissertação de Mestrado em Educação. Rio de Janeiro, UFRJ.

ROMAO, M. G.; COSTA, F. R.; SOARES, A. J. G. (2011). **Escolarização de equipes do voleibol no Rio de Janeiro.** XI Congresso Espírito-Santense de Educação Física. Vitória.

SOARES, A. J. G.; CORREIA, C. A. J.; MELO, L. B. S. de. (Org.) (2016). **Educação do corpo e escolarização de atletas: debates contemporâneos.** 1. ed. Rio de Janeiro: 7 letras.

VELHO, G. (1997). **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea.** 2^a ed. Rio de Janeiro: Zahar.

VELHO, G. (2003). **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** 3^a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

VELHO, G. (2010). **A utopia urbana: um estudo de antropologia social.** 7^a ed. Rio de Janeiro: Zahar.